

EXISTE IDADE PARA APRENDER? A RESILIÊNCIA DE UMA IDOSA DA EDUCAÇÃO DE JOVENS E ADULTOS

Autor (1) Greicy Oliveira Nascimento; Coautora (1) Fabiana Soares Fernandes; Coautora (2) Rose Belite Cardozo Aguiar.

Autor (1) Mestranda do Programa de Pós-Graduação em Ensino de Ciências e Humanidades da Universidade Federal do Amazonas – e-mail: greicyoliveiran@hotmail.com; Coautora (1) Doutora em Psicologia, docente do Programa de Pós-Graduação em Ensino de Ciências e Humanidades da Universidade Federal do Amazonas – e-mail: fabianafernandes2801@gmail.com ; Coautora (2): Mestranda do Programa de Pós-Graduação em Ensino de Ciências e Humanidades da Universidade Federal do Amazonas – e-mail: belitecardozo@gmail.com

Resumo: Este estudo trata da curiosidade de entender o que condiciona a resiliência em uma estudante da Educação de Jovens e Adultos de uma escola pública no município de Humaitá-AM. O objetivo deste trabalho foi compreender quais os motivos que levam uma idosa a querer buscar conhecimento no auge dos seus 63 anos, visto que a mesma enfrenta diversas dificuldades para permanecer no ambiente escolar. Sua persistência e enfrentamentos nos fizeram perceber o quanto a resiliência se faz presente neste público da EJA, visto que a resiliência é caracterizada pela capacidade de transformar um obstáculo da vida cotidiana e/ou uma adversidade, em uma situação positiva ou potencializadora daquilo que se almeja conquistar. Este estudo possui um caráter exploratório e transversal, baseado em uma metodologia qualitativa, caracterizando-se como um estudo de caso de uma estudante da EJA. Diante da análise da entrevista, entende-se que o papel do docente que leciona nesta modalidade de ensino é fundamental para que o processo de ensino e aprendizagem ocorra de forma satisfatória para os estudantes, tornando-se uma figura-chave para o desempenho tanto de habilidades e competências educacionais como também sendo um dos condicionadores e mantenedores do sentido de resiliência. A relação professor e aluno é bastante mencionada no decorrer da entrevista, o que reflete o respeito e a importância que estes profissionais exercem em um público diversificado e repleto de adversidades, mas que diante de vários empecilhos lutam e almejam um único objetivo, o conhecimento.

Palavras-chave: Resiliência, Educação de Jovens e Adultos, Conhecimento, Adversidades.

Introdução

A educação de jovens e adultos é composta de uma diversidade, tanto do público de alunos que a compõe como de problemas de políticas públicas no nosso país, e no interior do Amazonas não é diferente. Atualmente, no município de Humaitá¹(AM), das nove escolas estaduais, somente duas fornecem esta modalidade de ensino para o público que não conseguiu concluir os estudos na faixa etária certa. Diante disto, este trabalho pretende discutir os problemas e as adversidades que uma estudante da Educação de Jovens e Adultos enfrenta ao longo do período escolar, e quais os fatores que a leva a persistir na busca pelo conhecimento. Abordando também aspectos do letramento, na busca por uma proposta de educação significativa, numa abordagem para além da escolarização formal.

Partindo deste pressuposto, este trabalho justifica-se pela curiosidade de se entender o porquê, diante de tantos empecilhos e adversidades, ainda há estudantes que persistem e

¹ Humaitá é município situado ao sul do Amazonas, com uma margem de 53 mil habitantes e está localizado a margem esquerda do Rio Madeira, a 696,4 km de distância da capital (Manaus).

conseguem concluir com êxito o ano letivo. Compreendendo que isto se explica através do alto nível de resiliência desses indivíduos, que procuram na educação um estímulo para a melhoria de vida, seja ela pessoal ou profissional. Para fins das questões levantadas, utilizamos como recursos metodológicos uma abordagem de cunho qualitativo, caracterizada como um estudo de caso.

Esta investigação tornou-se um grande desafio, pois a temática resiliência é um termo que surge na era contemporânea, apesar de desde os primórdios o ser humano fazer uso dela. Percebe-se que as relações estabelecidas entre resiliência e educação são estudos mais recentes, e ao investigar trabalhos correlacionados com a educação escolar na base de dados do SciELO² percebeu-se que os estudos estão mais pautados na resiliência desempenhada pelo professor, tornando incomum esta abordagem dentro da modalidade da educação de jovens e adultos. Essa ausência nos sugere que este público parece estar “abandonado” nas pesquisas de cunho educacional, e isto pode ser um reflexo das dificuldades dos professores e da gestão escolar em não conseguir propiciar uma aprendizagem significativa.

A busca pela melhoria da educação de jovens e adultos, em seus aspectos pedagógicos, didáticos e profissionais (formação de professores para EJA), é um dos grandes debates no cenário educacional, afinal, procura-se formar cidadãos não somente aptos a saberem ler, escrever e desenvolver as quatro operações básicas, mas, que possam usufruir deste conhecimento para melhorar seu cotidiano. Como afirma Oliveira (2009), um dos problemas constantes na EJA é esta diferença entre alfabetização e escolarização, que precisa ser considerada nas discussões sobre a educação de adultos, com diretrizes curriculares que estabeleçam necessidades de formulação de projetos pedagógicos próprios e específicos para a EJA, inserindo nesta a compreensão da educação ao longo da vida.

Existe um grande desafio para o ensino público garantir a estes alunos uma educação formal que evite a evasão escolar, preocupando-se com o favorecimento de condições para um aprendizado de qualidade. Outra preocupação é que deve haver uma formação continuada para os professores que lecionam na EJA, afinal, o curso de Pedagogia³ dispõe de uma única

² A Scientific Electronic Library Online - SciELO é uma biblioteca eletrônica que abrange uma coleção selecionada de periódicos científicos brasileiros. O Projeto tem por objetivo o desenvolvimento de uma metodologia comum para a preparação, armazenamento, disseminação e avaliação da produção científica em formato eletrônico.

³ O curso de Licenciatura em Pedagogia do Instituto de Educação, Agricultura e Ambiente da Universidade Federal do Amazonas, localizado na cidade de Humaitá-AM, dispõe de uma grande curricular complexa, porém, somente uma disciplina (Metodologia da Educação de Jovens e Adultos) discute as metodologias para o ensino desta modalidade. Percebe-se, portanto, que o curso apresenta um maior teor voltado para a educação infantil e metodologias para o ensino de crianças.

disciplina direcionada a este público, o que acaba acarretando em práticas e metodologias destinadas a um repertório educacional voltado ao ensino de crianças.

São diversos os problemas da permanência deste público na escola, não podemos direcionar a “culpa” somente a um departamento, sendo que tudo isto é resultado de um coletivo de falhas políticas, pedagógicas e sociais. Todos esses obstáculos nos fazem pensar sobre os motivos que tornam fortificante o desejo pela educação e pela busca do conhecimento, tornando um dos fatores propulsores para o desenvolvimento da resiliência.

RESILIÊNCIA: UM BREVE CONCEITO E SUA IMPORTÂNCIA NO CONTEXTO EDUCACIONAL

Para a compreensão das questões discutidas neste estudo, é necessária uma breve apresentação de alguns conceitos sobre resiliência e alguns fatores que a condicionam. Yunes (2003) ressalta que o conceito de Resiliência é relativamente novo na Psicologia e na era contemporânea passa a ser objeto de estudo no cenário educacional. Desta forma, a autora discute que este processo se respalda na “superação” decorrente de diversas adversidades e crises que o indivíduo, grupos e sociedades sofram. Yunes (2003, p. 73) define resiliência como uma “variação individual em resposta ao risco”, e afirma que, “os mesmos estressores podem ser experienciados de maneira diferente por diferentes pessoas” ou seja, a resiliência não é uma característica fixa, ela vai variar de acordo com o ambiente, com as adversidades e situações que se apresentarem a cada pessoa.

Reppold, Mayera, Almeida e Hutz (2012, p. 251) destacam que existem duas categorias de fatores que possuem efeitos distintamente opostos e que influenciam no processo de resiliência: os **fatores de risco** e os **fatores de proteção**. Os **fatores de risco** condizem tipicamente com associações de padrões de adaptação negativa (adversidade) e os **fatores de proteção** estão estritamente ligados aos padrões de adaptação positivos (equilíbrio) diante de um contexto ou ações de riscos. Os autores afirmam ainda que, essas categorias vêm sendo investigadas através de estudos comportamentais, e que compreendem elementos pertinentes a vários domínios do funcionamento humano, tais como, atributos pessoais, estrutura e dinâmica familiar, contexto social, aspectos culturais e eventos específicos.

Fajardo, Minayo e Moreira (2010), em sua revisão crítica da literatura sobre resiliência, perceberam que existem dois eixos de análises sobre o tema: o primeiro tem um enfoque ligado à psicologia do desenvolvimento e o outro pauta-se em leituras sociológicas e culturais. Quando os autores ressaltam a psicologia do desenvolvimento, estão relacionando a

promoção da resiliência como sendo um papel também do contexto escolar, e ligado as ações desempenhadas pelo professor. Assis, Pesce e Avanci (2006) corroboram com as funções que a escola exercer sobre os indivíduos que fazem parte desta relação social produzida no meio escolar, ressaltado que a escola:

[...] possui funções que vão além da produção e reprodução do conhecimento. Os exemplos e os incentivos são importantes para a formação do indivíduo e, portanto, investir na escola como espaço que contribua também para a promoção da saúde, a qualidade de vida e o bem-estar dos indivíduos que dela fazem parte pode ser um caminho para a prevenção de agravos à saúde (p. 117).

Diante de todo esse contexto, percebemos que a escola, depois da família, é o ambiente que busca promover competências e habilidades ao indivíduo para que ele consiga exercer em sociedade seu papel social com êxito, cabendo a instituição escolar formar pessoas livres e objetivamente responsáveis socialmente. Assis (2006) ainda resalta a competência do professor como colaborador deste processo no cenário educacional, sendo a ocorrência de sua prática pedagógica apropriada de acordo com a faixa etária dos educandos, respeitando seus níveis de desenvolvimento, sempre coordenando as áreas cognitivas, afetivas e comportamentais, articulando a educação formal com as demais instituições como a familiar, social e cultural, compreendo que suas práticas têm papel fundamental na vida de seus educados.

Além dos fatores extrínsecos que podem vir colaborar para o desenvolvimento da resiliência, Tavares (2001) destaca que os fatores intrínsecos são fortemente identificados de acordo com algumas características sendo a resiliência a:

[...] capacidade de responder de forma mais consistente aos desafios e dificuldades, de reagir com flexibilidade e capacidade de recuperação diante desses desafios e circunstâncias desfavoráveis, tendo uma atitude otimista, positiva e perseverante e mantendo um equilíbrio dinâmico durante e após os embates – uma característica (poderíamos dizer características?) de personalidade que, ativada e desenvolvida, possibilita ao sujeito superar-se e à pressões de seu mundo de autoproteção que não desconsidera a abertura ao novo, à mudança, ao outro e à realidade subjacente (p. 8).

Contudo, a resiliência acarreta na decisão de se auto conceituar, se auto estimar e desenvolver suas habilidades enquanto indivíduo resiliente e dotado de superação. Pessoas resilientes sempre acreditam em dias melhores, que todos os problemas são superáveis, que mesmo diante de tantas dificuldades irão alcançar seus objetivos e mudar a situação de risco

em que se encontram, não se deixando abalar facilmente, estando sempre em busca de melhorias para sua vida.

Metodologia

Partindo do pressuposto que a metodologia é caminho do pensamento para realização de qualquer estudo epistemológico, este trabalho caracteriza-se como um estudo exploratório e transversal, baseado em uma metodologia qualitativa caracterizando-se como um estudo de caso. A abordagem exploratória procura responder a problemática em questão e a confirmar ou refutar as determinadas hipóteses que surgem ao longo da pesquisa. O caráter transversal caracteriza a aplicação da pesquisa em tempo e espaço determinados, permitindo visualizar e detectar problemas coletivos de uma população específica, naquele momento representada pela realidade da situação.

Desta maneira optou-se pelo estudo de caso uma vez que ele “visa conhecer em profundidade o como e o porquê de uma determinada situação que se supõe ser única em muitos aspectos, procurando descobrir o que há nela de mais essencial e característico” (FONSECA, 2002, p. 33 *apud* GERHARDT e SILVEIRA, 2009, p. 39). Nesse estudo de caso a amostra limita-se a um indivíduo, possibilitando uma interpretação individual de determinada situação. Como o objeto de estudo desta pesquisa é a resiliência, mencionada como característica única de cada sujeito, o estudo de caso tornou-se mais eficaz para essa investigação.

O uso da abordagem qualitativa explica-se devido esta abordagem preocupar-se inteiramente em explicar o fenômeno de pesquisa estudando suas particularidades e experiências individuais. E para a concretização deste método foi utilizado como instrumento a entrevista semiestruturada. Esta técnica de coleta de dados tem como objetivo colher determinadas informações através do diálogo direcionado entre pesquisador e participante, de maneira que a entrevista ocorre através de um roteiro pré-estabelecido com pontos a serem relevados no decorrer da entrevista.

A participante da pesquisa foi uma aluna devidamente matriculada e frequentadora da educação de jovens e adultos de uma escola pública do município de Humaitá/AM, do sexo feminino, com a idade de 63 anos, casada, mãe de quatro filhos, agente operacional de saúde e autorizou que a identificássemos como Dona Lili. A escolha da participante ocorreu por conveniência, já que a estudante foi indicada pela gestão da escola e aceitou participar do estudo voluntariamente. O critério de inclusão informado à escola foi: ser estudante e ter sido

alfabetizada na Educação de Jovens e Adultos em uma escola pública do município de Humaitá.

A entrevista aconteceu em um dia marcado pela entrevistada na escola onde ela estuda, pois a mesma relatou que trabalha o dia todo e só seria possível se fosse no horário noturno. A entrevista foi gravada e o roteiro continha quatorze perguntas. Estas tinham como objetivo auxiliar na compressão dos diversos fatores que condicionam e colaboram para a resiliência, e assim entender os motivos que levam a estudante a insistir em estudar e concluir o ensino básico mesmo diante das adversidades.

Resultados e discussão dos dados

Após a coleta de dados, a entrevista foi transcrita literalmente. A partir da análise da fala da participante, foi possível perceber que são vários os motivos que fazem os alunos desistirem ao até mesmo nem conseguirem chegar a frequentarem uma escola. Por outro lado, também existem vários fatores que fazem com que uma pessoa retorne ou inicie uma trajetória escolar. Isto ficou explícito nas respostas de Dona Lili, que relata a busca de conhecimento como motivo principal para voltar a estudar mesmo depois de idosa.

Soglia e Santos (2012) ressaltam que o objetivo da volta à escola, na maioria dos casos, está relacionada à continuação dos estudos, satisfação pessoal, conquista de um direito, sensação de capacidade e dignidade, ou simplesmente, um diploma. O mais comum, é o fato de visarem na escolaridade à conquista por um trabalho melhor e, decorrente disto, mudar a situação econômica na qual se encontram atualmente.

Identificamos na fala de Dona Lili, que, inicialmente não foram essas razões que a levaram de volta aos bancos escolares, ela optou por estudar para ocupar seu tempo, uma vez que se sentia muito sozinha. Estudar foi uma maneira de preencher esse vazio dos seus dias:

“[...] o motivo que fez eu vir a escola foi que... eu lutava muito para os meus filhos estudarem, eu cobrava muito dos meus filhos... e eu me sentia muito sozinha, aí a noite minha filha ia trabalhar, estudar, ir pra igreja... e eu comecei a ficar só, eu trabalhava muito em comunidade, aí eu parei... por causa da idade, da saúde... ... aí foi mais pra eu preencher meu tempo. Eu pensava que ia ficar uma semana, duas... aí eu continuei, porque meu professor foi muito simpático, me ajudou, ele fez eu gostar... aí eu tô até agora”.

A fala de Dona Lili mostra que ela não esperava que fosse tão adiante nos estudos, e por conta da ação de seus professores, que eram seus maiores incentivadores, acabou por querer buscar mais, despertando nela um desejo pelo conhecimento, que foi se ampliando.

Diante de vários fatores que podem gerar e fortalecer a resiliência, a obtenção de conhecimento é o que se intensificou como **fator de proteção** no caso de Dona Lili.

Em algumas pesquisas nesse universo da educação de jovens e adultos como a de Nogueira (2002), perpetua a questão de apenas adquirir conhecimento para que possa desenvolver atividades de acordo com seu contexto, como por exemplo, poder escrever uma simples carta, escrever o próprio nome, e isto, é claramente evidente na fala de Dona Lili, visto que ela não procura aquisição de poder econômico. Quando foi perguntado quais os benefícios que a escola e o estudo iriam lhe propiciar, ela surpreendeu como a seguinte resposta:

“[...] conhecimento acima de tudo... conhecimento porque no caso, pode até que aconteça as coisas melhor, mas eu vejo mais o conhecimento por enquanto... eu não tenho assim... mesmo porque a pessoa idosa... eu penso assim... quase que não tem mais futuro, né? E as vezes tem, mas a gente não tem certeza, então eu acho assim que... conhecimento mesmo... novos conhecimentos”

Há alguns relatos em pesquisas de mulheres que frequentam a EJA, ressaltando algumas das causas que as levam a desistência, e um dos principais motivos é o não apoio da família, do cônjuge, o que resulta em conflitos familiares constantes levando o estudante a desistência. No caso da Dona Lili ocorre o contrário, a família foi a principal incentivadora para que ela pudesse estudar, e o marido sempre a motivou bastante, isto está explícito na sua fala:

“[...] a gente sempre teve uma vivência razoável, só que quando meu marido chega e eu não estou na aula, as vezes é um feriado... ele pergunta logo, o que aconteceu que eu não vim pra aula... “o que aconteceu?... tu está doente, não quis ir pra aula hoje?”(...) daí eu falo o que aconteceu... no caso ele me incentiva... meu marido é uma pessoa de idade também, ele sempre me incentivou... ele não é ciumento, meu marido me conhece, ele sabe o que eu quero coisas novas pra nossas vidas, o que eu aprender e o que eu adquirir é pra nós dois”.

Desta forma, percebe-se como a família continua sendo um primeiro contexto de motivação para que ela possa desempenhar maior desejo pelo aprendizado. A relação familiar aparece neste caso como sendo fortalecedora dos **fatores de proteção**. Destaca-se a relação estabelecida no cenário escolar como também sendo uma promotora de aspectos positivos para a resiliência de Dona Lili, de maneira que a relação que ela possui com seus professores e colegas de turma é destacado como uma relação de amizade, que foi construída e fortificadas no espaço educacional.

No discurso de Dona Lili, é notável o papel desempenhado pelos professores no processo de ensino e aprendizagem, como também de toda comunidade escolar que faz parte

deste processo. Isto é evidente na fala de Dona Lili, quando perguntamos sobre os professores, se eles conseguem compreender os empecilhos que ela enfrentava para poder estar em sala de aula, e ela destaca que sim:

“Consegue... Eu consigo ver assim... Eu to aprendendo mais, tendo novas experiências... E que eles são grandes amigos meus... os professores... Umas pessoas que são para mim tipo criança, e hoje são meus mestres”.

Ou seja, essa relação professor-aluno acabou se tornando um **fator de proteção** para a participante, como a mesma relatou, o professor é muito paciente, compreensivo, e consegue compreender suas dificuldades, acompanhando seu nível de desenvolvimento. O que acaba reafirmando o que Assis, Pesce e Avanci (2006) relatavam como o professor, depois da família, colabora para o nível de resiliência no espaço educacional, relevando a pluralidade existente em sua sala e realizando a sincronização dos conhecimentos escolares com as demais habilidades e competências que o indivíduo deve exercer socialmente.

De acordo com o discurso de Dona Lili, podemos constatar que existe um laço afetivo entre professor-aluno muito significativo. Em suas respostas ela relatou possuir uma grande afeição por seus professores, estabelecendo uma boa relação, caracterizando-os como amigos(as), pacientes e possuidores de uma prática pedagógica adequada, e sempre que ela tem alguma dificuldade em entender, possuem bastante paciência de ensinar novamente até que ela assimile, não só ela, mas como todos os outros alunos:

“A relação professor-aluno é ótima. Eu tenho uma professora do 6º ano, que está sendo agora do 2º... eu não comparo ela nem como professora, mas como uma deusa na minha vida... ela me ajuda muito, ela tem um carinho, ela tem uma atenção comigo que é difícil a pessoa ter essa atenção com uma pessoa idosa, né?”.

Quando foi perguntada como era o convívio com os colegas, de que forma ocorria as relações dela com os demais, se havia alguma restrição por ela ter uma idade acima da turma, e se isto afetava de alguma maneira no seu desempenho, Dona Lili relatou que o ciclo de amizade que ela possui colabora bastante para os **fatores de proteção**, pois os amigos a incentivavam notavelmente para que ela continuasse:

“Quando eu vim me matricular, eu perguntei que hora ia terminar a aula, aí eles disseram que era 10h30min da noite... Aí eu disse que num queria mais, que era muito longe, e que eu não sei nem andar de bicicleta... Não que eu não tinha condições, é que eu tenho medo... Aí meus colegas falaram assim... Se a senhora se matricular, a senhora consegue um

capacete que a gente deixa a senhora em casa... Quando eu não puder ir fulano vai... Aí isso aconteceu... Aí eles me ajudam... Me ajudam muito, até hoje... Outras mandam até o marido me deixar (risos)". (Dona Lili, 63 anos).

Dona Lili demonstra ser uma senhora com objetivos traçados, e pelo fato de ser a mais idosa de sua turma, ela teme não poder acompanhar os colegas, e isso acaba por desenvolver nela mais um fator de proteção onde o contexto de risco “medo de não conseguir acompanhar os colegas” acaba se associando a padrões de adaptação positiva e se tornando um dos fatores que não a faz desistir, como está descrito em sua fala:

“Eu vejo assim... ah se eu não estudar os outros tudo vão passar e eu vou ficar pra trás, aí eu vou parar... e aquilo vai me incentivando... eu querer acompanhar os colegas.”

Um **fator de risco** foi encontrado em uma das falas de Dona Lili, o fato do desinteresse dos demais alunos. Apesar de ser externo a ela, isso acaba por afetá-la também, gerando um sentimento de desmotivação. Em resposta ao que precisava melhorar para que ela tivesse maior motivação, ela respondeu da seguinte forma:

“O que eu acho, eu vou ser sincera, é os alunos querer... o que acontece muito aqui é uma falta assim... muitos alunos desrespeitam os professores... e faltam muito, o professor vem... eles fazem a parte deles... tem alunos que faltam muito... aí no final da aula querem nota, aí vão atrás da gestora... aí isso daí eu acho que... não é certo.”

Em relação às principais dificuldades para continuar estudando, Dona Lili retrata apenas os problemas de saúde, devido a sua idade, trazendo assim o baixo aproveitamento nos estudos:

[...] a minha maior dificuldade é a minha vista, e que também eu tenho problema de saúde, eu sou diabética, às vezes eu me esqueço muito... eu esqueço.. as vezes na hora de fazer a prova... aí eu estudo tudo e na hora eu esqueço.”

Estes problemas são constantes entre os frequentadores da educação de jovens e adultos, afinal é um público composto por pessoas de idade avançada, mas que isto não os caracteriza como pessoas incapazes de concluir a educação básica.

Camargo (2012) relaciona a evasão escolar como o cansaço relacionado a dupla jornada de trabalho, questões que recaem sobre o casamento e maternidade dentre os outros motivos. Foi feita uma questão relacionada ao cansaço e diante das respostas de Dona Lili, percebe-se que os fatores de riscos estão sempre presentes, mais que a força de vontade de

obter novos conhecimentos e o fortalecimento a resiliência tornam-se assim construtores dos fatores de proteção. Mas, para Dona Lili o cansaço não a desmotiva em momento algum, segundo ela:

[...] Eu só não venho quando estou doente, quando não tô bem a diretora manda até me deixarem em casa... eu gosto muito de estudar porque eu cobrava muito dos meus filhos.

Diante de todos estes depoimentos, Dona Lili mostra-se uma senhora com o nível de resiliência elevado, apesar da idade avançada, pretende não somente concluir a EJA, mas também possui planos para depois que concluir essa etapa:

“Eu vou fazer curso... quando eu terminar eu vou fazer... pretendo continuar sim”.

Ela relata que tem desejo de ingressar ao menos no Instituto Federal do Amazonas (IFAM) e que a conclusão da educação básica é só a primeira conquista no campo educacional que está por vir. Os fatores de proteção estão fortemente presentes em todas as escolhas que ela faz em sua vida, não deixando se abater por quaisquer adversidades e visando sempre a apropriação pelo conhecimento.

Considerações finais

São vários os fatores que condicionam a resiliência nessa estudante, construídos na relação familiar, relação professor-aluno e relação aluno-aluno, e todos os demais fatores envolvidos no processo de ensino e aprendizagem. São esses aspectos que tornam esses fatores importantes para a manutenção do aluno da EJA no desenvolvimento escolar.

No contexto da Educação de Jovens e Adultos, as dificuldades pessoais, são as maiores causadoras da evasão escolar. O principal meio para evitar essas evasões, está na atenção, compreensão e no acompanhamento do desenvolvimento dos estudantes, ou seja, na afetividade que o educador vai desempenhar com o seu educando, promovendo uma interação professor-aluno satisfatória. Tanto o professor como também a gestão e todo o corpo escolar devem buscar novas estratégias para atrair e manter este público diversificado, afinal, são estudantes que se diferem das crianças, exigindo nossas práticas, tendências e metodologias pedagógicas voltadas para atender suas necessidades visando sua construção social, cultural e cognitiva. Podendo assim, evitar a evasão escolar, e favorecer o processo de ensino e aprendizagem significativo, fazendo com que eles permaneçam na escola.

Como relatou nossa participante, seus “mestres” foram e são essenciais no contexto educacional e principalmente um dos instigadores para que ela construísse uma relação prazerosa com o ensino. Dona Lili vem contrapor o que as pesquisas no campo da educação de jovens e adultos ressaltam sobre este público buscar a educação somente para aquisição de melhoria de *status* social e econômico, afinal, como ela relatou, seu primordial objetivo é adquirir conhecimento.

Diante de todo esse contexto, visando todas as dificuldades que não somente Dona Lili, mas todos os alunos da EJA enfrentam para estarem presente em sala de aula diariamente pelo Brasil a fora, a resiliência torna-se um dos pressupostos essenciais para que, mesmo diante de todos os obstáculos que possam surgir, vejam na educação uma melhoria na qualidade de vida e os façam sentir cidadãos inseridos socialmente. Não podemos fechar nossos olhos para os empecilhos que dificultam a permanência desses indivíduos na EJA, desde fatores propagados pelas políticas públicas até os de carácter individuais e intrínsecos ao indivíduo.

Referências

ASSIS, S. G.; PESCE, R. P.; AVANCI, J. Q. *Resiliência: enfatizando a proteção dos adolescentes*. Porto Alegre: Artmed, 2006.

CAMARGO, Janira. A mulher nos documentos de jovens e adultos e adultas. *Revista Ártemis*, v. 14, 2012. p. 155-163.

FAJARDO, N. I.; MINAYO, M. C. de S.; MOREIRA, C. O. F. Educação escolar e resiliência: política de educação e a prática docente em meios adversos. *Ensaio: aval. pol. públ.* v. 18, n. 9, 2010.

FREIRE, Paulo. *Pedagogia da Autonomia: Saberes Necessários à prática Educativa*. São Paulo: Paz e Terra, 1996.

GERHARDT, Tatiana Engel e SILVEIRA, Denise Tolfo. *Métodos de pesquisa* / [organizado por] Tatiana Engel Gerhardt e Denise Tolfo Silveira; coordenado pela Universidade Aberta do Brasil – UAB/UFRGS e pelo Curso de Graduação Tecnológica – Planejamento e Gestão para o Desenvolvimento Rural da SEAD/UFRGS. – Porto Alegre: Editora da UFRGS, 2009.

NOGUEIRA, L. Vera Soares. Educação de jovens e Adultos e Gênero: um diálogo imprescindível à elaboração de políticas educacionais destinadas às mulheres das camadas populares. In: Leôncio. *Aprendendo com a diferença* – estudos e pesquisas em educação de jovens e adultos/1 ed. 1. Reimp. – Belo Horizonte, 2005.

OLIVEIRA, I. A. *Educação de jovens e adultos e idosos*. Salto para o Futuro- Educação ao longo da vida. Ministério da Educação, ano XIX, n 11, setembro de 2009.

POLETTI, D. P. N. *A resiliência: a arte de dar a voltar por cima*. Petrópolis, RJ: Vozes, 2007.

REPPOLD, C. T.; MAYER, J. C.; ALMEIDA, L. S. & HUTZ, C. S. Avaliação da Resiliência: Controvérsia em Torno do Uso Das Escalas. *Psicologia: Reflexão e Crítica*, v. 25, n.2, 2012.

SONGLIA, Ioneide Sales e SANTOS, Selma Pereira. *Educação de Jovens e Adultos: expectativas e dificuldades*. Jequié-BA, 2012.

TAVARES, J. (org.). *Resiliência e educação*. São Paulo: Cortez, 2001.

YUNES, M. A. M. Psicologia positiva e resiliência: O foco no indivíduo e na família. *Psicologia em Estudo*, Maringá, v. 8, 2003, p. 75-84.